

Decidido

"O imbróglio exige uma ação imediata. Em uma década de debates não houve um acordo entre as entidades representativas da sociedade. Também não há mais justificativas para que a população continue sendo penalizada." O desabafo é do deputado Marcos Vieira, referindo-se a duplicação da rua Deputado Antônio Edu Vieira, que vem provocando engarrafamentos e penalizando cerca de 60 mil pessoas por dia. É do conhecimento de todos que a obra emperrou na UFSC. O parlamentar do PSDB continua anunciando que apresentará um projeto anulando as doações do governo do Estado à UFSC, que alcança 1 milhão de metros quadrados, para permitir a duplicação, já que está faltando bom senso.

Notícias do Dia-Paulo Alceu

Duplicação

Sobre o impasse entre a prefeitura e a UFSC sobre a duplicação da Deputado Antônio Edu Vieira, só nos resta concluir que faltou sensibilidade à UFSC e sobrou à mesma muita arrogância, agindo como se fosse autoridade do município. Senhor prefeito, exerça sua autoridade constitucional e máxima da cidade e desaproprie a área necessária, a bem do serviço público e da população. A UFSC, que vive de fartos orçamentos públicos, não sabe o que é trabalhar pra valer para sobreviver.

Francisco C. Zanella Nunes
Florianópolis

Diário Catarinense-Diário do Leitor

• **Odontologia** - O Departamento de Odontologia da UFSC dará início ao atendimento de crianças de zero a dois anos. Os interessados podem inscrever seus filhos pelo telefone (48) 3721-9631 ou no setor de triagem da Odontologia. Para início do atendimento, o responsável deverá participar da palestra que ocorrerá no dia 27, às 14h.

Diário Catarinense-Serviço

E MAIS

◆ Dentro da farta programação da Maratona Cultural de Florianópolis, imperdível a apresentação da peça *Sonhos de Uma Noite de Verão*, de Shakespeare, apresentada num bosque, no campus da UFSC, neste domingo, às 18h. Montagem inédita no Brasil, ao ar livre e itinerante, é também o assunto da minha coluna deste domingo.

Diário Catarinense-
Juliana Wosgraus

Audiências marcadas

Ontem foram definidas as quatro audiências públicas para debater as regras das áreas de expansão urbana na UFSC e na Estrada da Ilha. Todas serão em abril. O encontro sobre a região de Pirabeiraba será realizado na própria localidade. Lauro Kalfels diz que as áreas são exigência da "sociedade organizada".

A Notícia-Nota

Elas no estádio

A Galeria da Ponte, no CFH (Centro de Filosofia e Ciências Humanas) da UFSC apresenta a exposição "100 anos de torcida: a presença feminina nas arquibancadas de futebol em Florianópolis", até o dia 26 de março, das 7h às 22h. A entrada é gratuita.

Notícias do Dia-Tomé Nota

TELINHA NOBRE

O filme "A Antropóloga" e o clipe "Reggae da Tainha", ambos dirigidos por Zeca Nunes Pires, foram selecionados para os festivais de cinema de Arraial D'Ajuda e de Blumenau. Em Arraial D'Ajuda, o clipe será exibido neste domingo e "A Antropóloga" na quarta-feira com a presença do diretor catarinense, que este ano furou o Ricaldinho da Ilha. Por bons motivos, claro.

Avanço e transparência

A revisão que vem sendo feita, em convênio com a Universidade Federal, de quase 20 mil leis aprovadas desde 1947 pelo Parlamento catarinense, proporcionará, no mínimo, uma maior segurança jurídica. O professor Rafael Peteffi, que coordena o projeto, descreveu muito bem as vantagens que alcançarão o cidadão, no momento em que as pessoas terão acesso mais fácil à legislação, que estará organizada e dividida em blocos temáticos. Como também expressou o desembargador Oliveira Neto, em que um emaranhado de leis cria, na verdade, uma insegurança jurídica, resultando num considerável aumento das demandas judiciais.

Notícias do Dia-Ricardinho Machado
24e25/03/2012

Notícias do Dia-Paulo Alceu
24e25/03/2012

Homenagem da Câmara



FLÁVIO NEVES

A Câmara de Vereadores de Florianópolis realizou uma sessão solene em comemoração ao aniversário de 286 anos da Capital na noite de ontem. Durante a cerimônia, foram entregues 28 títulos de cidadão honorário, 23 medalhas de mérito do município e 19 medalhas de mérito Francisco Dias Velho.

As duas medalhas são dadas a personalidades nascidas aqui ou de fora da cidade que se destacam na prestação de serviços a Florianópolis. O título é concedido exclusivamente a pessoas de fora. Entre os homenageados da noite estava a ministra das Relações Institucionais, Ideli Salvatti (foto), que recebeu o título de cidadã honorária. O evento foi realizado no auditório do Tribunal de Justiça de Santa Catarina. A sessão solene e entrega de medalhas já se tornou tradição no aniversário da cidade.

Quando a ciência abala o código moral

RAQUEL WANDELLI *

O avanço das ciências incide de forma avassaladora sobre a conduta humana, afetando e modificando progressivamente valores, crenças e critérios tradicionais que regem as relações dos indivíduos e sociedades. A tal ponto que a bioética tornou-se uma área estratégica e emergente nesses tempos de manipulação de células-tronco que colocam em crise os parâmetros éticos, culturais e religiosos da humanidade. Termos jurídicos como o Pensamento Vital ou Diretrizes Antecipadas, que garantem o direito do indivíduo de solicitar previamente medidas como a eutanásia, em caso de vida vegetativa, reivindicam mudanças no Código Penal que respeitem a vontade e autonomia do indivíduo sobre concepções preestabelecidas acerca da vida.

No próximo ano, um grande fórum terá lugar em Florianópolis com a realização do X Congresso Brasileiro de Bioética, que será presidido de 24 a 27 de setembro pelo médico e ex-reitor da UFSC Bruno Schlemper. Questões muito controversas, como o direito ao aborto até três meses de gravidez vão entrar em debate. Adiantando-se a essa temática, a Editora da UFSC lança em sua Feira de Livros a obra *Bioética: autopreservação, Enigmas e Responsabilidade*, do filósofo do Direito José Heck, que facilita a discussão ética buscando os pontos de convergência e discordância entre ciência e filosofia ao longo da história, desde Platão e Aristóteles até os dias atuais.

Pesquisador de reconhecido fôlego, Heck se diferencia por tratar a bioética de forma transdisciplinar, bem como por inserir a discussão no contexto dos desafios ambientais. Professor do doutorado em Ciências Ambientais da Universidade Federal de Goiás, Heck integrou, entre 1978 e 1979, o Departamento de Filosofia da UFSC, logo após defender tese de doutorado na Universidade de Munique sobre "saúde e doença" à luz da filosofia de Platão e da psicanálise freudiana.

Nesse estudo, o autor compreende a bioética dentro de uma visão não antropocêntrica do mundo, que abarca os humanos, os animais e a natureza enquanto um conjunto com valor interdependente, que sobrepõe sua existência à revelia da vontade ou mesmo da permanência do homem no planeta. "Nada indica, e muito

Agende-se

O quê: Feira de Livros da Editora da UFSC

Quando: até 4 de abril

Onde: Praça da Cidadania, no Campus da Trindade, em Florianópolis

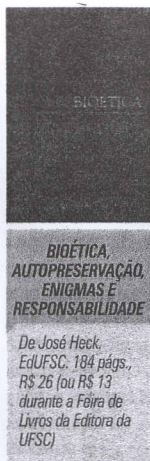
menos assegura, que o notório 'ser senhor' do animal racional sobre outras criaturas implique um primado da conservação dos humanos sobre o restante do universo", escreve o autor, que é também pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Católica de Goiás.

Ao explicitar contrapontos cruciais entre os dogmas cristãos e os princípios filosóficos, em uma rede de disputas que remetem à origem da modernidade, a obra expõe o aspecto explosivo e complexo da bioética, muito mais marcada por acirradas polêmicas do que por consensos. Dada a persistência cotidiana dos conflitos morais nas práticas biomédicas, a figura dos profissionais em saúde, ainda cercada de uma aura simbólica sacra, não pode atuar à revelia das diretrizes bioéticas. De modo semelhante, os supostos colapsos da natureza, anunciados pela ciência, estão colocando em xeque consolidadas doutrinas religiosas sobre a supremacia do homem na Terra e sobre a origem da vida.

O livro mostra que o conhecimento da bioética se produz e desenvolve no contexto das descobertas científicas de diversos saberes e repercute as concepções acerca da saúde, da liberdade do indivíduo, da dignidade da pessoa humana e do direito dos humanos à fruição de um meio ambiente sadio. Heck critica os modelos convencionais das disciplinas segmentadas e advoga a multidisciplinaridade dos saberes científicos com os não científicos.

Com profundidade científica de um filósofo e a eloquência de um jurista, Heck lança o foco bioético em uma rede de interações multidisciplinares. Nessa nova perspectiva examina, à luz das descobertas científicas e das novas habilidades técnicas, questões cruciais como a dignidade da pessoa, a fragilidade dos seres humanos e a necessária cumplicidade dos variados saberes com as condições de saúde e do direito dos indivíduos à fruição de um meio ambiente sadio.

* Raquel Wandelli é jornalista, doutoranda em Literatura e professora universitária



BIOÉTICA,
AUTOPRESERVAÇÃO,
ENIGMAS E
RESPONSABILIDADE

De José Heck.
EdUFSC. 184 págs.,
R\$ 26 (ou R\$ 13
durante a Feira de
Livros da Editora da
UFSC)

24/03/2012

Meia-volta

O deputado Marcos Vieira (PSDB) decidiu representar nesta terça-feira a reação da cidade à intransigência do Conselho Universitário da UFSC, que pagou a generosidade de Florianópolis – doando um milhão de metros quadrados à instituição federal – com a negação de meros 18 mil metros quadrados.

Seu projeto de lei simplesmente proporá a “reversão” da doação de fração do imóvel, a parte necessária à execução da obra. Seria o caso – único – de *recall* de doação, valendo-se de cláusulas rescisórias que a própria UFSC relegou, nos casos de recepção das fazendas Assis Brasil e Ressacada.

A decisão politizada da UFSC deixou pouco ou nenhum espaço de manobra. Quem se dispõe a “pensar a cidade” não deveria adotar uma posição tão sumariamente restritiva.

Não melhora

Se o recurso legislativo não der resultado, a prefeitura deverá recorrer ao seu plano B, implementando o sistema binário que tornará a Rua Antônio Edu Vieira “mão única”, no sentido Armazém Vieira–UFSC, até a Eletrosul. A Rua Capitão Romualdo de Barros (Carvoeira) será o caminho, também em sentido único, para os que acessam a Via expressa Sul. A Avenida César Seara, que contorna a Eletrosul – via larga e subutilizada – servirá de hífen entre os acessos de mão única.

Mesmo sem o desafogo da mão dupla do quilômetro “negado” pela UFSC, o projeto será executado. Quem quer que “pense” a cidade já sabe: não vai melhorar muito.

Diário Catarinense–Sérgio da C.Ramos

O projeto

A prefeitura de Florianópolis pretende reunir representantes de entidades empresariais e classistas, como o Crea-SC, ao longo da semana. Vai apresentar o projeto para alargamento da Rua Deputado Antônio Edu Vieira. O vice-prefeito João Batista Nunes, que cuida do caso junto à UFSC, entende que a apresentação do projeto – criticado pelo Conselho Universitário – deve ser importante para a mobilização da sociedade em favor da duplicação daquela via.

Notícias do Dia-Carlos Damião
24e25/03/2012

PONTO FINAL

Deputado estadual Marcos Vieira quer reverter a doação de terreno doado pelo governo do Estado para a UFSC. É uma briga boa. Quem sabe assim os “iluminados” do campus voltem atrás. A ideia é que aquela área, de volta ao Estado, possa ser doada à prefeitura da Capital, e a rua Antônio Edu Vieira possa ser finalmente duplicada. O deputado apresentará um projeto de lei para reverter a doação feita lá nos idos de 1950.

Notícias do Dia-Ricardinho Machado
24E25/03/2012

Embriões humanos não têm direito à vida

Autor defende a pesquisa com células-tronco embrionárias e a fertilização in vitro

LINCOLN FRIAS *

Se você é um brasileiro típico, você discorda de mim: você acredita que embriões humanos têm direito à vida, que esta é uma afirmação óbvia, e provavelmente pensa que devo ser uma pessoa má, que não se preocupa com seres indefesos e que estou disposto a usar outras pessoas para satisfazer meus interesses.

Os embriões humanos que costumam ser o assunto desse tipo de discussão são aqueles que têm menos de 14 dias, pois depois desse prazo eles não são de grande utilidade nem para a derivação de células-tronco nem para a fertilização in vitro. Esse embrião é um conjunto de apenas algumas dezenas de células, as quais são todas iguais. Ele não só ainda não tem órgãos como não é possível nem mesmo saber quais células formarão o feto e quais formarão a placenta. Ele ainda pode se dividir em dois ou mais embriões (é assim que se formam os gêmeos univitelinos) e também pode ser que ele se funda naturalmente com outro embrião que esteja sendo gestado com ele. E, mais incrivelmente, usando técnicas laboratoriais sofisticadas, pode ser possível criar um novo embrião a partir de cada uma das suas células.

Mesmo assim, há quem considere que esse tipo de organismo mereça ser considerado em pé de igualdade com seres humanos adultos, que ele tem direito à vida e que destruí-lo para derivar células-tronco ou para realizar fertilização in vitro é tão errado quanto assassinar uma pessoa, mesmo que isso seja feito para curar outras pessoas ou garantir que os pais tenham um filho saudável.

Não é surpreendente que as pessoas pensem assim. Na falta de alternativas, é melhor que se defenda seres indefesos. O que surpreende é que os argumentos para justificar essa opinião sejam incrivelmente fracos e que o assunto seja tratado como uma questão de tudo ou nada. A questão é a seguinte: todos concordamos com que (a) espermatozoides e óvulos podem ser mortos – por exemplo, na masturbação ou na menstruação – e com que (b) recém-nascidos não podem ser mortos. O problema é descobrir em que momento entre (a) e (b) o direito à vida é adquirido.

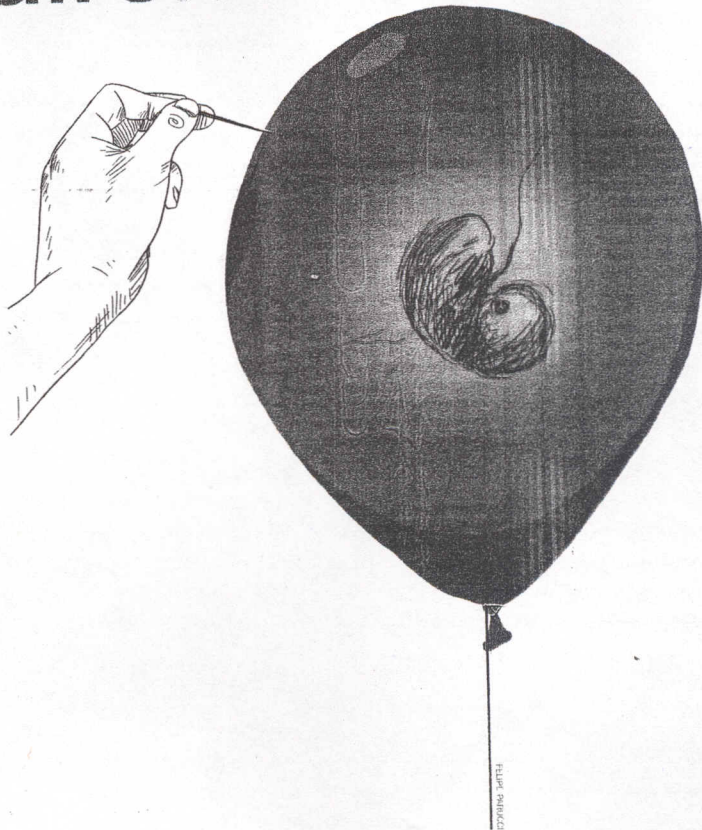
Você provavelmente acha que é quando acontece a fecundação. Uma primeira justificativa que você pode oferecer é de que ali já se estabelece a individualidade genética, se cria um genoma inédito. O problema é que há outros seres vivos que também têm essa individualidade genética (plantas, animais, etc.) e não estamos dispostos a atribuir direito à vida a todos eles. E, mais preocupante ainda, há seres humanos sem essa individualidade, os gêmeos. Teríamos, então, que considerar que eles não têm direito à vida.

Não sei como você vai lidar com os gêmeos, mas você pode desconsiderar os outros seres vivos dizendo que o que importa é pertencer à espécie humana. Só que o risco ao dizer isso é cair no especismo, cometendo o mesmo tipo de erro dos machistas, dos racistas e dos bairristas, a preferência por um certo grupo só porque ele é o seu grupo. Para evitar isso seria preciso indicar algo que os seres humanos possuem e que faz com que mereçam direito à vida.

Os candidatos mais promissores são a capacidade de autocontrole, a racionalidade e a autoconsciência, as características que definem uma pessoa. O problema é que o embrião está incrivelmente longe de possuí-las. Afinal de contas, ele não possui um único neurônio que seja.

Diante desse problema, o esperado é que você diga que o importante é que o embrião tenha o potencial para se tornar ser humano. Este é o argumento mais resistente, não porque seja o mais sólido, mas porque é o que está mais entranhado em nossa maneira instintiva de pensar. Nunca consegui convencer minha avó, minhas tias e meus amigos do futebol de que esse argumento é ruim. Minha hipótese é que isso acontece porque quando dizemos que o embrião tem o potencial para ser uma pessoa, imaginamos, instintivamente, que essa pessoa em potencial já está lá no meio daquelas células, sentindo e sofrendo. Supomos que, assim como eu agora não gostaria que tivessem me matado quando eu era um embrião, o embrião também não vai gostar se o matarmos.

Essa suposição é falsa. Não há alguém em meio àquelas células, pois nada ali é capaz de sentir e sofrer. É consenso científico que o feto só será capaz de sentir dor depois da 24ª semana de gestação – 22 semanas depois do estágio que



estamos discutindo –, pois apenas então haverá as estruturas cerebrais mínimas para haver qualquer tipo de consciência. Mas durante a evolução de nossa espécie foi imprescindível para nossa sobrevivência viver em grupo, e para fazer isso é preciso ser capaz de pensar sobre o que os outros estão pensando e se preocupar com a dor deles (a capacidade de empatia). Essas capacidades nossas são tão ativas que tratamos bichinhos de pelúcia como se eles tivessem sentimentos. A ficção (de quadrinhos a novelas) é toda baseada no fato de que dá para enganar essa nossa capacidade de tratar coisas – por exemplo, rabiscos no papel – como agentes (organismos com sentimentos e intenções). Muita gente chorou com o destino dos personagens de Avatar, como se eles

realmente estivessem sofrendo.

Esse mecanismo de se preocupar com os sofrimentos de outros organismos, principalmente, se eles parecem ter planos, objetivos e intenções é algo que fazemos automaticamente, e minha hipótese é que esse tipo de processo é que incentiva nosso apego à ideia de que o potencial do embrião já o coloca no mesmo patamar das pessoas desenvolvidas. Pense comigo: em nenhuma outra situação valorizamos o que apenas tem o potencial da mesma maneira que o valorizamos o que já está realizado: uma semente que pode dar origem a uma árvore de mil anos não é tão admirável quanto a própria árvore quanto ela tiver mil anos; o fato de que a Argentina tem o potencial para ganhar a Copa de 2014 não

justifica já escrever seu nome na taça. Da mesma maneira, o fato de que o embrião pode se tornar uma pessoa e que uma pessoa tem direito à vida, não justifica dar a ele as proteções de uma pessoa. Ainda não há uma pessoa lá. A não ser que você acredite em almas. Af o seu problema é o de provar que elas existem. Apenas no final do século 19 os católicos escolheram a fecundação como o momento em que a alma entra no corpo. Antes disso, acreditavam que a alma encarnava apenas aos 40 dias – posição de Aristóteles, Tomás de Aquino, dos judeus, dos muçulmanos e de alguns protestantes.

Um sério problema para o Argumento da Potencialidade é que a maioria dos embriões não tem potencial nem para chegar ao fim

da gestação, muito menos para se tornar uma pessoa. Estima-se que impressionantes 63% dos embriões que são formados através da reprodução natural não têm esse potencial – aproximadamente metade por falta de ambiente adequado e metade porque são incapazes de se desenvolver mesmo no ambiente mais adequado, pois têm problemas fisiológicos. Além disso, nem todo ser humano tem potencial de se tornar uma pessoa, como é o caso dos fetos anencéfalos ou com outras deficiências mentais graves. Outro problema é o fato de ser possível que o embrião se divida em dois ou que ele se funda com outro embrião, de maneira que ele não só tem o potencial para se tornar uma pessoa, como tem também o potencial para se tornar mais de uma pessoa ou menos de uma pessoa.

Por fim, pense no seguinte: se há um incêndio em uma clínica de fertilização e você precisa decidir entre salvar dois embriões ou uma criança de três anos, quem você escolheria? Nunca encontrei alguém que salvasse os embriões, mesmo que fossem cem ou mil. Se você também pensa assim, você não acredita realmente que eles tenham direito à vida. Mas como minha avó e meus amigos do futebol estão aí para me lembrar, esses argumentos não são suficientes para impedir o processo automático de pensar que o embrião já é alguém, principalmente porque não queremos ser o tipo de pessoa que aceita que seres indefesos sejam mortos (apesar de fazermos churrasco de tantos animais cognitivamente muito mais desenvolvidos do que os embriões).

Nada disso quer dizer que os embriões não tenham valor e que possamos fazer qualquer coisa com eles. Quer dizer apenas que a pesquisa com células-tronco embrionárias e a fertilização in vitro não devem ser proibidas por provocarem a morte de embriões e que quem defende essa posição não é necessariamente uma pessoa má, que não se preocupa com seres indefesos e que está disposta a usar outras pessoas para satisfazerem seus interesses.

* Lincoln Frias é doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisador do Núcleo de Estudos do Pensamento Contemporâneo da mesma instituição

Os “contra” da UFSC

Florianópolis está comemorando 286 anos de fundação com duas posições da Universidade Federal de Santa Catarina contrárias a dois projetos públicos: o primeiro, negando-se a ceder pequena área para a duplicação da Rua Antônio Edu Vieira, projeto que tem mais de nove anos; o segundo, com seu Departamento de Arquitetura mobilizando-se contra o Parque da Ponta do Coral.

A área da Ponta do Coral é privada. Foi comprada pelo falecido empresário Realdo Guglielmi há 30 anos. Os herdeiros se associaram ao grupo Hantei para ali implantar um moderno complexo hoteleiro com marina e múltiplos espaços públicos para uso comunitário. O hotel ficará na área privada. A área a ser aterrada será totalmente destinada ao público. Para uso da população, o parque prevê nove praças públicas, centro de eventos e convenções, anfiteatro, concha acústica, restaurantes, cafés, mirantes, lojas, ciclovias e amplo estacionamento. Todos edificadas, com belíssimo paisagismo, na área a ser aterrada. De acordo com os empreendedores, vai criar 1,5 mil novos postos de trabalho e incrementar a receita do município em R\$ 25 milhões por ano anuais.

Há 30 anos aquela área serve de palco para traficantes, craqueiros e desocupados. A comunidade tem ali zero de desfrute. E, ao invés de se inteirar do projeto, colaborando para seu aprimoramento, propondo inovações para maiores benefícios ao público, dando sua contribuição à cidade, o que faz a UFSC? Campanha contra.

Mas o Departamento de Arquitetura, por seus conceituados arquitetos e estudantes, não move uma única palha para humanizar, florir e embelezar o coração do campus ou os espaços externos do Hospital Universitário. Bons tempos aqueles de décadas passadas, em que a UFSC só trabalhava pela população de Florianópolis.

DUPLICAÇÃO

A polêmica sobre a duplicação da Antônio Edu Vieira, que liga o campus ao Saco dos Limões, é outra prova deste isolamento. O Conselho Universitário negou a liberação da área. Alega que o projeto está incompleto. Levou nove anos para fazer esta constatação. O primeiro estudo data da gestão Diomário Queiroz. E precisou mais de um ano e cinco meses para dar parecer. O projeto da prefeitura deu entrada no segundo semestre de 2010.

A recusa foi formalizada em sessão do Conselho Universitário que acolheu parecer do acadêmico de História Sérgio Luiz Schlatter.

– Ele é filiado ao PSOL e pré-candidato à Câmara Municipal
– acusa o vice-prefeito João Batista Nunes (PSDB), revoltado com a recusa da UFSC.

Schlatter realmente é do PSOL e candidato. Foi um dos cabos eleitorais da futura reitora Roselane Neckel, que também deu voto contra. E liderou a invasão à Reitoria, quando o hall foi transformado num acampamento, com meias sujas misturadas com material escolar, tênis e até roupas íntimas.

Ele nega contaminação partidária no veto. Diz que o projeto não serve, não vai resolver a falta de mobilidade na região, que a comunidade é contra e que a rejeição deu-se por esmagadora maioria. O vice-prefeito diz que Schlatter e o relator, professor Juaréz Nascimento, deram prazo de seis meses por razões eleitoreiras. Querem impedir o lançamento do edital e da ordem de serviço antes da eleição. A versão corrente no campus e na prefeitura sustenta que o processo foi totalmente politizado. Se precedente, pobre da UFSC. Afinal, numa universidade, quando os partidos políticos entram pela porta, a autonomia, a liberdade e a pluralidade desaparecem pela janela.

25/03/2012

Duplicação

Parabéns à administração da UFSC por não ter concedido o espaço para a duplicação da Rua Deputado Antônio Edu Vieira sem que haja um projeto novo, pois o que a prefeitura apresenta é de 2003 e tem seu esgotamento em 2015. O comprometimento da UFSC com a população é claro e louvável. Chega de obras paliativas, mal planejadas, mal acabadas, incompletas e que levam o nada a lugar algum. Obras das quais o cidadão não se beneficia e ainda paga a conta.

Lamentável a decisão do Conselho Universitário da UFSC em solicitar um novo projeto para a duplicação do trecho analisado. Como entender a posição, sabendo-se que a UFSC é uma instituição pública, construída com recursos gerados pela própria sociedade, a qual clama por melhorias ou solução no fluxo de veículos da região? A perplexidade torna-se ainda maior ao lembrar que a UFSC, para se consolidar como uma das melhores instituições de ensino do país, necessitou do auxílio de muitas outras instituições, nos vários níveis.

Marcos Aurélio de Souza

Por e-mail

Diário Catarinense-Diário do Leitor

Feira da mobilidade

Nos dias 30 e 31 de março a UFSC Joinville realizará a 1ª Feira da Mobilidade. A abertura acontecerá às 13h30 do dia 30. Mais informações pelo site feiradamobilidade.paginas.ufsc.br ou na rua Prudente de Moraes, 406, Santo Antonio.

A Notícia-Serviço

Joinville

16,39% a mais de zona urbana

Projeto permite à cidade crescer em área igual a seis bairros Boa Vista

JOÃO KAMRADT
joao.kamradt@an.com.br

A área urbana de Joinville pode crescer, e muito. Caso sejam aprovadas as alterações sugeridas pelos vereadores das comissões de Legislação e de Urbanismo, o perí-

metro urbano da cidade vai engordar 16,39%. São 34,3 milhões de m². É área suficiente para comportar seis bairros iguais ao Boa Vista. Mas para a mudança entrar em vigor, depende da aprovação dos projetos que alteram o Plano Diretor, a Lei do Macrozoneamento e a lei que rege o zoneamento da cidade e cria a figura das áreas rurais de expansão urbana (AREUs).

O aumento na área urbana segundo as alterações sugeridas pelos parlamentares é menor do que o proposto pela Prefeitura na Lei de Ordenamento. Caso a mudança

apresentada pela administração municipal fosse aprovada – o trâmite do texto está paralisado devido a processo na Justiça –, a área urbana de Joinville poderia crescer 23,44%. A redução pode ocorrer porque a antiga ART (Área Rural de Transição) do Paranaguamirim não foi incluída na nova proposta dos vereadores. No novo projeto, a área da zona Sul ganha regras mais rígidas de preservação ambiental.

Mas mesmo sugerindo o crescimento urbano de uma região menor, a mudança proposta pelos vereadores é mais agressiva. Isso

porque as áreas rurais de transição, previstas no texto da Prefeitura, contemplavam, ainda que de forma imprecisa, trechos de terra que continuariam rurais.

Agora, com as áreas de expansão urbana propostas pelos vereadores, as regiões da UFSC e da Estrada da Ilha poderão ganhar caráter totalmente urbano, restando decidir o tamanho dos lotes e o uso que poderá ser dado às terras. Para se ter uma ideia do tamanho da área, as regiões da AREU da UFSC e da AREU da Estrada da Ilha representam o mesmo que

3.948 Arenas Joinville, incluindo o estádio e todo o terreno em volta.

“Estamos dando apenas a nomenclatura correta. Assim, a Prefeitura poderá cobrar IPTU. A ausência do que era pedido está ali. Se houver algo a ser ajustado, poderá ser feito na nova Lei de Ordenamento”, comenta Lauro Kalfels (PSDB), presidente da Comissão de Urbanismo. O líder do governo, Manoel Bento (PT), também defende os novos projetos. “Não podemos esperar mais para votar o ordenamento. Têm questões que precisam de mais agilidade”, diz.

Estamos dando apenas a nomenclatura correta. Assim, a Prefeitura poderá cobrar IPTU.

LAURO KALFELS (PSDB), presidente da Comissão de Urbanismo.

26/03/2012

Parecer envenenado

É grave, é gravíssima, a denúncia do vice-prefeito João Batista Nunes, de que o autor do parecer da UFSC contrário à cessão de parte de seu terreno para alargamento da Rua Antônio Edu Vieira é o acadêmico de História Sérgio Luiz Schlatter. Primeiro, porque soa como gozação o fato de um estudante emitir um parecer num órgão de tamanha importância dentro da universidade. Segundo, porque Sérgio Luiz Schlatter é filiado ao PSOL e pré-candidato a vereador. Qualquer ignorante vê que a decisão da UFSC está com vício de origem. Falando mais claro: o parecer está contaminado, envenenado. Um pedido de intervenção direto ao Ministério da Educação ou ao Ministério Público é mais do que urgente.

Diário Catarinense-Cacau Menezes

A Ilha de volta

Está longe de acabar o tiroteio entre a sociedade e a UFSC por conta da “tirinha” de terreno anexo à Rua Antônio Edu Vieira, no Pantanal.

Enquanto o deputado Marcos Vieira (PSDB) prepara-se para apresentar projeto de lei pedindo “de volta” os terrenos doados à universidade – um professor da UFSC, Sidney Avancini, escreve para a coluna para sugerir:

“Já que o nobre deputado quer o terreno de volta, não seria mais interessante que a União pedisse a Ilha de volta – já que é de sua propriedade – e ela está sendo destruída pelos inescrupulosos, ligados à especulação imobiliária?”

E a moratória?

“Moro no Saco dos Limões – diz Avancini –, e desde que o Túnel Antonieta de Barros foi inaugurado, o trânsito só aumentou. A UFSC ficou quase vazia nos meses de janeiro e fevereiro e o trânsito continuou intenso. Claro que uma parte se deve à universidade, mas qualquer administrador inteligente teria impedido a construção de prédios como os da Rua Antônio Edu Vieira, cujas sacadas praticamente invadem a rua.

O atual prefeito prometeu “moratória” nas c

onstruções, até que tivéssemos um Plano Diretor. E tudo ficou apenas na promessa.”

Pensar em metros?

Que há políticas urbanas equivocadas, não se questiona. Mas a atitude “não cooperativa” da UFSC soa como francamente hostil à cidade que deu à instituição todo o sítio onde ela se assenta. Dizer “não” à expansão da malha rodoviária, sob o argumento de que o “trânsito só aumentará”, tem a ver com a utopia do Shangri-Lá, o vale do ideal – e não do mundo real.

Claro, seria ótimo se voltássemos ao Jardim do Éden, com mais Evas e menos carros. Na impossibilidade desse milagre, posição menos antipática seria conceder a área requerida e apoiar um Plano Diretor que evitasse o uso predatório dos espaços. Os pátios da UFSC estão repletos de automóveis que dão condução apenas ao motorista. O Estado, com apoio da sociedade e dos sindicatos – que querem empregos – empenha-se na guerra fiscal por novas montadoras. O corolário dessa posição é... construir mais estradas para tanta roda.

É aqui que a UFSC pode colaborar, pensando. Dizer só “não”, não resolve.

Diário Catarinense-Sérgio da C.Ramos

De volta ao lar

Escritor Salim Miguel deixou o hospital após mais de um mês de internação

ROMÍ DE LIZ

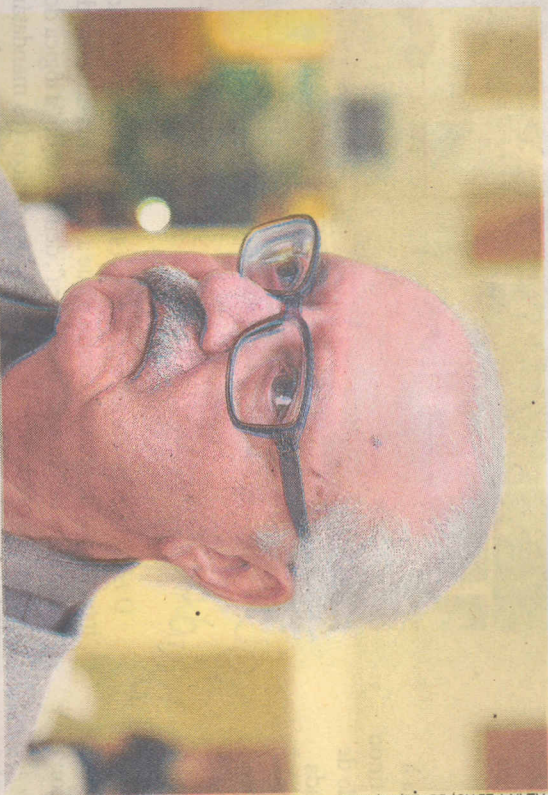
O almoço de domingo na casa da família dos escritores Eglê Malleiros e Salim Miguel foi de alívio. Após um mês de internação, o patriarca está de volta ao lar.

A saúde de Salim ainda exige cuidados especiais, mas o otimismo não falta aos cinco filhos, que vão se revezar nas atenções ao pai. Sônia, que mora em Brasília, foi a primeira a assumir o posto. Em casa, o escritor também contará com o atendimento de enfermeiros.

— É um processo lento, mas é questão de tempo — diz Sônia, acrescentando que cada etapa está sendo encarada como uma vitória.

O libanês de alma catarinense ainda está com a memória recente comprometida, mas a filha acredita que a união da família vai ajudar na recuperação mais rápida.

Aos 88 anos, Salim sofreu um aci-



ALAN PEDRO, BD 16/05/2011

Salim na **entrega do prêmio** que leva seu nome, há um ano

dente doméstico no dia 18 de fevereiro. Ficou internado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) da Casa de Saúde São Sebastião, em Florianópolis, por 14 dias. O lado esquerdo do seu cérebro foi muito afetado pela

queda. Durante o tempo em que permaneceu no hospital foi submetido a uma cirurgia para a retirada de um coágulo no cérebro.

Conjunto da obra

- Salim Miguel é o principal escritor catarinense em atividade.
- Nascido no Líbano, veio ainda criança com a família para Biguaçu.
- Nos anos 1950, foi um dos pilares do movimento modernista catarinense, como liderança do Grupo Sul.
- É um dos autores do roteiro do primeiro longa-metragem catarinense, o filme *O Preço da Ilusão*.
- Produziu uma vasta obra, que ultrapassa os 30 títulos. O primeiro deles foi *Velhice e Outros Contos*, de 1951.
- Entre os mais lembrados estão *Nur na Escritidão* e *Mare Nostrum*.
- *Reinvenção da Infância*, lançado no ano passado, é seu romance mais recente.
- Entre os vários prêmios, recebeu em 2009 o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra, da Academia Brasileira de Letras (ABL).

romi.liz@diario.com.br

ANexo/Recuperação

Salim Miguel recebe alta depois de mais de um mês

ROMÍ DE LIZ

O almoço de domingo na casa da família dos escritores Eglê Malheiros e Salim Miguel foi de alívio. Após um mês de internação, o patriarca está de volta ao lar.

A saúde de Salim ainda exige cuidados especiais, mas o otimismo não falta aos cinco filhos, que vão se revezar nas atenções ao pai. Sônia, que mora em Brasília, foi a primeira a assumir o posto. Em casa, o escritor também contará com o atendimento de enfermeiros.

“É um processo lento, mas é questão de tempo”, diz Sônia, acrescentando que

cada etapa está sendo encarada como uma vitória.

O escritor de 88 anos ainda está com a memória recente comprometida, mas a filha acredita que a união da família vai ajudar na recuperação mais rápida.

Salim sofreu um acidente doméstico em 18 de fevereiro. Ficou internado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) da Casa de Saúde São Sebastião, em Florianópolis. O lado esquerdo do seu cérebro foi muito afetado pela queda. Durante o tempo em que permaneceu no hospital, foi submetido a uma cirurgia para a retirada de um coágulo no cérebro devido ao traumatismo.



CHARLES GUERRA

CONJUNTO DA OBRA

- Salim Miguel é o principal escritor catarinense em atividade.
- Nascido no Líbano, veio ainda criança com a família para Biguaçu.
- Nos anos de 1950, foi um dos pilares do movimento modernista catarinense, como liderança do Grupo Sul.
- É um dos autores do primeiro longa-metragem catarinense, o filme “O Preço da Ilusão.”
- Produziu uma vasta obra, que ultrapassa os 30 títulos. O primeiro deles foi “Velhice e Outros Contos”, de 1951.
- Entre os mais lembrados estão “Nur na Escuridão e Mare Nostrum.”
- “Reinvenções da Infância” e “Outros Contos”, lançado no ano passado, é seu romance mais recente.
- Entre os vários prêmios, recebeu em 2009 o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra, da Academia Brasileira de Letras (ABL).